

Memória, história oral e cultura escolar: contribuições à História da Educação Matemática

Comentários – Sessão 22

Rosinéte Gaertner¹

Universidade Regional de Blumenau

HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA: uma experiência da preservação da cultura escolar
Yohana Taise Hoffmann e David Antonio da Costa

FORMAÇÃO DE PROFESSOR E HISTÓRIA ORAL: narrativas e algumas (im)possibilidades metodológicas
Rosemeiry de Castro Prado e Kátia Guerchi Gonzales

FUNDAMENTOS E MÉTODOS DA HISTÓRIA ORAL E DA MEMÓRIA COMO SUBSÍDIOS PARA A PESQUISA EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA
Carlos Aldemir Farias da Silva e Iran Abreu Mendes

Introdução

Acessar trabalhos de pesquisa selecionados que serão apresentados em um evento de nível nacional na categoria de sessão coordenada possibilita ter um contato antecipado das múltiplas aprendizagens que a realização do evento – III Enaphem – proporcionará. Realizar reflexões, análises, provocações e considerações acerca destes trabalhos (neste caso, três) que compõe esta sessão são solicitações da organização do evento e a pretensão deste texto.

As pesquisas e alguns apontamentos

O texto 1 (T1), cujo título é “HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA: uma experiência da preservação da cultura escolar”, aborda o tema *cultura escolar* e apresenta algumas ações que o Grupo de Pesquisa de História da Educação Matemática no Brasil (GHEMAT) tem desenvolvido para obter e preservar as fontes que a constituem, como documentos, revistas pedagógicas, livros didáticos, cadernos de alunos e professores.

Diferentes definições de *cultura escolar*, elaboradas por renomados historiadores são apresentadas no texto para evidenciar o quão polissêmica é a expressão. Dentre elas, destaco a de Viñao (2007, p. 85) que entende a *cultura escolar* como “[...] uma forma de cultura apenas acessível por mediação da escola, uma criação específica da escola.” E onde buscar a compreensão da cultura escolar existente em diferentes épocas e instituições escolares? A resposta é praticamente unânime aos historiadores: no âmbito das escolas; na ação de seus

¹ Professora Doutora em Educação Matemática pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP/Rio Claro-SP. Docente do Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências Naturais e Matemática da Universidade Regional de Blumenau. E-mail: rogaertner@gmail.com

atores (alunos e professores); na dinâmica do dia a dia escolar; no interior de manuais escolares adotados; na organização e desenvolvimento das disciplinas escolares; nos cadernos de alunos e professores, dentre outros.

No texto, os autores apontam que a dificuldade de se traçar a *cultura escolar* de uma instituição reside na escassez de documentos e materiais escolares produzidos ao longo do tempo, uma vez que a maioria foi descartada ou armazenada em locais não adequados, o que levou a deterioração e perda dos registros. Aponto que tal situação já foi constatada por diversos pesquisadores em História da Educação e História da Educação Matemática, dos quais cito Fritzen (2007) e Gaertner (2004) que, ao investigarem as escolas de imigração alemã na região de Blumenau (SC), se depararam com exíguos registros destas instituições.

No Brasil, atividades que buscam e conservam alguns elementos da *cultura escolar*, desde documentos, revistas pedagógicas, livros didáticos, cadernos de alunos são realizadas pelo GHEMAT. Os autores fazem uma breve apresentação deste grupo de pesquisa e de sua produção científica e bibliográfica, aprofundando o olhar sobre o Centro de Documentação criado pelo grupo, que reúne precioso acervo de materiais escolares, documentos pessoais de alguns autores da área de matemática, arquivo de entrevista de vários matemáticos de referência no Brasil. Citam a disponibilidade destes num Repositório Institucional, uma base de dados virtual, hospedada nos servidores da Universidade Federal de Santa Catarina. Os leitores são orientados quanto à forma de acesso a este Repositório e como as informações estão dispostas nele.

Como contribuição, indico a obra organizada por Mignot (2008) que, em seus quinze capítulos, traz valioso estudo sobre os cadernos escolares. Estruturada em torno de quatro eixos – balanço dos estudos feitos no âmbito da historiografia da educação; produção e circulação dos suportes e utensílios da escrita escolar; uso dos cadernos escolares; e iniciativas pessoais e familiares de salvaguarda desses documentos produzidos durante a trajetória escolar -, investigadores que têm ou pretendem desenvolver trabalhos com esta temática encontrarão subsídios importantes.

O texto 2 (T2), com o título de “FORMAÇÃO DE PROFESSOR E HISTÓRIA ORAL: narrativas e algumas (im)possibilidades metodológicas” é fruto de pesquisa desenvolvida no âmbito da disciplina de História da Educação Matemática, oferecida no Programa de Pós-graduação de Educação para Ciência da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP – Bauru) por duas doutorandas do Programa.

Na primeira parte do artigo, são apresentadas, de forma sintética, algumas investigações desenvolvidas no projeto denominado “Mapeamento da formação e atuação de professores que ensinam/ensinaram Matemática no Brasil” desenvolvido pelo Grupo de História Oral e Educação Matemática – GHOEM. As temáticas abordadas são: a formação e atuação de professores de escolas rurais da região de Bauru (SP), nas décadas de 1950 e 1960; o processo de interiorização dos cursos de Matemática no estado de São Paulo na década de 1960; os processos de formação de professores de Matemática no estado do Maranhão a partir da década de 1960; a história da Cades (Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário), suas ações e importância na formação dos professores secundários ao longo de sua existência (1953-1971); a qualificação e formação de professores nas Licenciaturas

Parceladas no sul do estado do Mato Grosso (atual estado Mato Grosso do Sul) na década de 1960 e o curso de Ciências – habilitação Matemática, em regime parcelado (na década de 1990) também no estado do Mato Grosso do Sul.

Na segunda parte, as duas autoras localizam no projeto de Mapeamento a pesquisa sobre as Faculdades de Tecnologia do Estado de São Paulo – FATECs – e os professores de Matemática que nela atuavam, sendo que esta temática é a dos projetos de seus doutoramentos. Utilizando uma entrevista realizada com esta temática, as autoras problematizaram um aspecto metodológico do trabalho com narrativas e, para isso, utilizaram dois procedimentos: a realização de uma entrevista de forma oral (utilizando a história oral como metodologia de pesquisa) e o uso do mesmo roteiro usado na entrevista sendo este enviado ao mesmo professor por e-mail, uma semana após a entrevista oral. Sobre as informações e dados obtidos nos dois procedimentos, foram apontadas que há diferenças importantes entre eles. Na entrevista aparecem informações essenciais sendo perceptível a vivacidade, a subjetividade e a emoção do entrevistado; há o descortinar das cenas em que os fatos aconteceram, com citação de detalhes, percepções. Nas respostas por e-mail, a linguagem é objetiva e as informações sucintas, telegráficas. Como conclusão, as autoras afirmam que:

Não se trata de conceber a potencialidade da História Oral como sinônimo de autossuficiência dos fatos orais em relação a outras fontes, mas reconhecer que a natureza qualitativa dessas informações pode trazer contribuições à historiografia. Fontes de naturezas diferentes trazem versões e possibilidades distintas. (p.11)

O texto 3 (T3), cujo título é “FUNDAMENTOS E MÉTODOS DA HISTÓRIA ORAL E DA MEMÓRIA COMO SUBSÍDIOS PARA A PESQUISA EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA”, destaca e comenta aspectos teóricos relacionados à história oral e memória, objetivando contribuir para o alargamento epistemológico das pesquisas que se utilizam delas.

Inicialmente, os autores discorrem sobre a história oral (HO), procurando estabelecer distinções entre as suas três diferentes formas de utilização: como método de pesquisa, como técnica e fonte, ou como documento (a entrevista). Usada por diversas áreas do conhecimento, de um modo geral, a HO se manifesta com mais frequência por meio de três gêneros distintos: Histórias da tradição oral, Histórias de vida e Histórias temáticas, classificação esta também encontrada em Meihy (2000). Uma sintética história sobre a história oral é tecida, apontando as dificuldades que ela enfrentou para se consolidar no campo historiográfico.

No estudo sobre a memória, há uma discussão sobre o que é memória (o vivido) e o que é história (o elaborado). Os diversos significados da memória são apontados, a distinção entre memória oficial e outras que não são oficiais é feita e, ainda, mostra a relação e interação entre a HO e a memória, havendo um aprofundamento sobre esta questão.

Os três trabalhos – T1, T2 e T3 – têm um viés comum: abordam questões relativas à memória. Em T1 evidencia-se a preocupação com o resgate e a preservação da memória ao se constituir um centro de documentação que reúne vários materiais escolares, documentos e acervos pessoais. A produção de fontes de pesquisa por meio de entrevista, citada em T2, visa o resgate e a preservação da memória. Por sua vez, T3 aborda aspectos relativos à memória, explicitando conhecimentos que o pesquisador precisa ter ao lançar mão dela para “reconstruir fragmentos do passado” (p. 11).

Vislumbra-se nos três textos, ainda que de forma tênue, ao defender a preservação da memória, a percepção dos autores sobre a importância do “esquecimento”, pois

[...] é o esquecimento que alimenta e fecunda a memória disponibilizando uma espécie de manancial, onde a memória pode brotar e fluir. É visando a preencher as “lacunas” do esquecimento que a memória se mantém ativa e se amplia. (GAERTNER, 2004, p. 149)

A História Oral como metodologia de pesquisa e como constituição de fontes – os áudios das entrevistas e os textos resultantes das narrativas que foram obtidas pelo processo de transcrição e textualização –, estão presentes em T2 e T3. Atualmente, o diálogo entre fontes, sejam elas escritas, orais ou iconográficas, é defendido por muitos pesquisadores do campo da História da Educação (Matemática).

Por fim...

Neste texto, lancei um olhar, ainda que um tanto sintético, sobre os três trabalhos apresentados, tecendo algumas considerações.

De um modo geral, estes trabalhos investigativos vêm despertar reflexões sobre a importância da constituição e preservação de fontes para que futuras pesquisas desenvolvidas no campo da História da Educação Matemática possam delas usufruir. Também apontam a necessidade do aprofundamento de aspectos teóricos que embasarão novas investigações.

Com certeza, outros olhares podem ser lançados e convido você, leitor, a ler os três trabalhos citados neste texto.

Referências

FRITZEN, M.P. **Ich kann mein Name mit letra junta und letra solta schreiben:** bilinguismo e letramento em uma escola rural localizada em zona de imigração alemã no Sul do Brasil. 2007. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

GAERTNER, R. **A matemática escolar em Blumenau (SC) no período de 1889 a 1968:** da Neue Deutsche Schule à Fundação Universidade Regional de Blumenau. 2004. Tese

(Doutorado em Educação Matemática), Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2004.

MEIHY, J.C.S.B. **Manual de História Oral**. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2000.

MIGNOT, A.C.V. (Org.) **Cadernos à vista: escola, memória e cultura escrita**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

VIÑAO, A. As culturas escolares. In: VIÑAO, A. **Sistemas educativos, culturas escolares e reformas**. Lisboa: Edições Pedagogo, 2007.